

ENTRE AS DESCONTINUIDADES E AS PERMANÊNCIAS: nuances de literatura brasileira contemporânea em *Rabo de foguete*, de Ferreira Gullar**BETWEEN DISCONTINUITIES AND REMANEID: nuances of contemporary Brazilian literature in Ferreira Gullar's *Rabo de foguete***Caio da Silva Carvalho⁶⁵

RESUMO: O crítico literário Giorgio Agamben (2007, p. 10) definiu a condição de contemporâneo como a capacidade de se orientar, mesmo no escuro, para, “a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir”. Ser contemporâneo é, portanto, a tentativa de caminhar por solos cada vez mais imprecisos, fragmentados e maleáveis, sem, não obstante, deixar de (re)conhecer as demandas necessárias do tempo no qual o sujeito se encontra. Dessa maneira, este trabalho tem o objetivo de analisar a obra *Rabo de foguete*, de Ferreira Gullar, cujo enredo se concentra nas memórias de exílio do autor no contexto de Ditadura Militar, sob a ótica de uma (re)formação de estilo literário pautado nas nuances que envolvem as discontinuidades e/ou permanências que envolvem a contemporaneidade. Assim, o texto pensa algumas nuances da literatura brasileira contemporânea, como o protagonismo de um indivíduo num tempo de quebra tecido social, ao passo que tenta mostrar os aspectos estilísticos e temáticos que envolvem a heterogeneidade e a disposição das formas de um (novo) realismo. Por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, as análises são baseadas em autores como Giorgio Agamben (2007), Karl Eric Schollhammer (2009), Tânia Pelegrini (2001) e Ítalo Moriconi (2001), de modo a pensar como o autor-narrador-personagem Ferreira Gullar se pauta como um ser contemporâneo, em uma escrita contemporânea, em torno dos estilos, abordagens e temáticas por entre o trecho de *Rabo de foguete*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira Contemporânea. Rabo de Foguete. Ferreira Gullar.

ABSTRACT: Literary critic Giorgio Agamben (2007, p. 10) defined the condition of contemporary as the ability to orient oneself, even in the dark, in order, "from there, to have the courage to recognize and commit oneself to a present with which it is not possible to coincide". To be contemporary is, therefore, an attempt to walk on ground that is increasingly imprecise, fragmented, and malleable, without, however, failing to (re)meet the necessary demands of the time in which the subject finds himself. Thus, this paper aims to analyze the work *Rabo de Foguete*, by Ferreira Gullar, whose plot focuses on the author's memories of exile in the context of the Military Dictatorship, from the standpoint of the (re)formation of a literary style based on the nuances involving the discontinuities and/or subsistencies of contemporary being. Thus, the text thinks about some nuances of contemporary Brazilian literature, such as the protagonism of an individual in a time of broken social fabric, while trying to show the stylistic and thematic aspects that involve the heterogeneity and arrangement of the forms of a (new) realism. Through a qualitative and bibliographical research, the analyses are based on authors such as Giorgio Agamben (2007), Karl Eric Schollhammer (2009), Tânia Pelegrini (2001), and Ítalo Moriconi

⁶⁵ Mestre em Letras - Literatura - pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI; Professor efetivo de Língua Portuguesa - Ensino Básico - SEMED; Integrante do Grupo de Pesquisa em Literatura e Linguagem - LITERLI - da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA; Graduação em Letras - Português pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA; Pesquisa Memória e Escrita de si na Literatura Brasileira Contemporânea. E-mail: caiocarvalho1980@gmail.com.

(2001), in order to think how the author-narrator-personage Ferreira Gullar stands as a contemporary being, in a contemporary writing, around the styles, approaches, and themes in between the *Rabo de foguete*.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Literature. *Rabo de foguete*. Ferreira Gullar.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A contemporaneidade é comumente pensada a partir de um significado que se condiciona temporalmente, posto que o termo não diz respeito a um período encerrado, mas que se relaciona com o presente enunciativo de quem o utiliza. Alfredo Bosi (2006) diz que o significado do termo contemporâneo “é, por natureza, elástico e costuma trair a geração de quem o emprega. Por isso, é boa praxe dos historiadores justificar as datas com que balizam o tempo, frisando a importância dos eventos que a elas se acham ligadas” (BOSI, 2006, p. 409), ressaltando a compreensão de que o vocábulo denota certa imprecisão e compromisso apenas com quem o emprega, já que as correntes literárias e filosóficas que ainda virão também serão, em seu tempo, denominadas “contemporâneas”.

Quando nos dispomos a analisar as tendências artístico-literárias contemporâneas, atentamos para a flexibilidade que o termo comporta, posto que a literatura contemporânea é aberta e se encontra em processo de formação. Nesse sentido podemos relacionar a literatura contemporânea a certas nuances pós-modernistas que se assemelham por uma recorrência de abordagens e estilos dispostos em determinado tempo. Sob esse aspecto que envolve tanto as discontinuidades quanto as permanências da escrita brasileira contemporânea, este trabalho tem a finalidade de analisar a obra *Rabo de foguete*⁶⁶ (1998), de Ferreira Gullar, sob algumas das nuances da literatura brasileira, qual seja a disposição de um narrador-personagem - que também é o próprio autor⁶⁷ - em um tempo de quebra de tecido social, bem como no que concerne à disposição da heterogeneidade e de um novo realismo no trecho do romance.

⁶⁶ O título é uma referência à letra “O bêbado e a equilibrista” (1979), de João Bosco e Aldir Blanc, que se popularizou na voz de Elis Regina na luta contra a ditadura militar: “com tanta gente que partiu/Num rabo de foguete/ Chora/A nossa pátria mãe gentil/Choram Marias e Clarices/No solo do Brasil”. Assim, o romance gullariano conversa com os versos da música, evocando a angústia dos que partiram e as dores de familiares pelas ausências de seus entes.

⁶⁷ As memórias de exílio podem ser pensadas como uma narrativa autobiográfica, tendo em vista que se encaixam nas ideias de escrita retrospectiva, uso da pessoa enunciativa no discurso, bem como na recorrência homonímia entre autor, narrador e personagem, com base nos estudos de Phillipe Lejeune (2014). Assim, Ferreira Gullar pode ser visto, simultaneamente, como autor, narrador e personagem de *Rabo de Foguete*.

Ferreira Gullar (1930-2016) é um dos principais autores da literatura brasileira. Com escritos não raramente festejados pela crítica, Gullar foi ovacionado com o Prêmio Jabuti - categoria de poesia - e com Prêmio Alphonsus Guimaraes, ambos em 1990 e, em 2010, foi agraciado com o Prêmio Camões de Literatura. Em consonância com as palavras do ensaísta e poeta Carlos Sechin (2014) no contexto de recepção de Gullar à Academia Brasileira de Letras, o autor maranhense possui notável experiência no campo artístico: além de poeta e ficcionista, foi dramaturgo, biógrafo, artista plástico, entre outras atribuições.

O enredo de *Rabo de foguete* (1998) é composto a partir de suas memórias do contexto de repressão da Ditadura Militar brasileira de 1964, assim como a respeito de suas experiências de exílio em decorrência da referida perseguição, acontecida de agosto de 1971 a março de 1977. Dessa forma, o trecho abarca as tensões internas enquanto sujeito foragido - em primeira instância por entre bairros e esconderijos em casas de amigos, em seguida diante de uma fuga definitiva para além do Brasil. Nesse aspecto, *Rabo de foguete* é um retrato do contexto brasileiro desse importante tempo histórico, evidenciando o teor coletivo, ao passo que remonta as tensões individuais, o que muito interessa a uma pesquisa sobre contemporaneidade.

Ainda a respeito da obra, o crítico de literatura contemporânea José Mário Silva (2011) elogia a fluidez narrativa de *Rabo de foguete*, de maneira que o leitor se anime com a simplicidade do narrar prosaico, embora seja uma obra de teor tenso, posta a questão da Ditadura. Outra qualidade do livro ressaltada por Mário Silva é a poeticidade que perpassa à escrita, principalmente em cenas mais subjetivas, as de extrema felicidade ou extrema angústia. Além disso, o crítico não deixa afora a aura memorialística da obra, que abriga as experiências de fuga, de desamparo, de frenesi e até divagações filosóficas.

O crítico literário David Arrigucci Jr (1998) vê as memórias de exílio no contexto ditatorial menos como um relato pessoal e mais como a narrativa de uma sina recorrente no contexto da história da nação, por isso resalta a aura atemporal de *Rabo de foguete*. Dessa maneira, a produção, ao tempo em que discute temas mais internos de Gullar, faz isso com uma potência literária tomada de política e história, propiciando o enlace entre o contemporâneo *de hoje* e o contemporâneo de sua própria época, que “por sua vez, a exemplaridade do destino do poeta, transformado em personagem de si mesmo, tem particularidade e valor simbólico para chegar a cada um e a todos” (ARRIGUCCI, 1998, online).

Assim, *Rabo de foguete* é festejado pela forma crua como são narradas as experiências de Ferreira Gullar. A obra consegue mostrar o instinto de fuga e sobrevivência que se entremeia à defesa de ideais partidários, embora haja momentos em que o autor se mostra reflexivo no tocante à sua filiação ao partido socialista. Ao passo que a necessidade de fuga acontece, o escritor não hesita em fazê-lo, como nos mostra a narrativa, que evoca ao leitor novos espaços, personagens e reflexões entorno das várias migrações de Gullar dispostas *Rabo de foguete*.

NUANCES DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM *RABO DE FOGUETE*, DE FERREIRA GULLAR

Literatura Brasileira Contemporânea e sociedade pulsante em *Rabo de Foguete*.

Na tentativa de definir o contemporâneo, o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009) faz uso das metáforas contidas no poema “O século”, do escritor russo Osip Mandel’stam. No escrito de Mandel, o sujeito lírico indaga não sobre o século em seu sentido cronológico, mas sobre um tempo condicionado a ele próprio, quando diz *o meu século, a minha fera. A inquietação do eu lírico é entender quem teria a capacidade de olhar para o seu próprio século e soldar com o seu sangue, as vértebras deste [século]*. Na visão de Agamben (2009), os escritos sugerem que o poeta deve pagar a sua contemporaneidade com a própria vida, olhando fixamente para a fera – o seu próprio tempo – e *soldar com o seu próprio sangue o dorso quebrado do tempo*”, entendendo que o contemporâneo é permeado por essa fratura, tratando-se de um tempo quebradiço, falho, incompleto.

Ao tempo que Agamben (2009) sugere a vulnerabilidade do contemporâneo, faz-nos refletir sobre uma necessidade de análise e apreensão de nosso tempo quando nos diz que o *sangue* deve suturar a *quebra*. Isso não quer dizer que o contemporâneo se faz numa tentativa de encaixe e de preenchimento de lacunas e sim do reconhecimento delas, num misto de reflexões que possibilitam a apreensão de um lugar temporal, na medida em que enxergamos esse tempo raquítico:

Pertence verdadeiramente a seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, nesse sentido inatual; mas exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo ele é capaz, mais do que os outros de perceber e apreender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 58-59).

Diante disso, o contemporâneo possui uma relação singular com o próprio tempo, mas que ao mesmo tempo dele toma certo distanciamento: se dá nessas *dissociações e anacronismos*, termos usados por Agamben (2009) para ressaltar a ideia de que o *contemporâneo* não é definido pelo suporte que tenta possuir uma consonância perfeita com o tempo, posto que essa tentativa acaba por ofuscar a percepção do contemporâneo.

A literatura que se enquadra no contemporâneo pode ser pensada nesse construto de permanências e/ou mudanças de estilos que uma sociedade em progresso demanda, numa discussão constante entre o que está em voga, e/ou o que esteve outrora. Diante das continuidades e/ou rupturas, a literatura é dotada de influências sociais. Isso faz com que receba os influxos do tempo em que os fatos estão ancorados, e essa ideia se torna uma *permanência* quando falamos em literatura brasileira contemporânea.

Isso porque, segundo Antonio Candido (2006, p. 31), “a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana”, havendo uma apropriação social no contexto de escrita, mas também uma apropriação e reflexão desse contexto, na medida em que “todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito” (CANDIDO, 2006, p. 31). Assim, as problemáticas da sociedade perpassam à escrita, sobretudo quando há uma constante em relação aos fatos observados no tecido social ou quando essa constante é quebrada de alguma forma. Tal ideia se comprova em Helena Bonito Pereira (2012) quando discerne algumas particularidades temáticas das narrativas brasileiras contemporâneas: “um ponto de ancoragem encontra-se na relação entre o texto literário e seu contexto, ou seja, na proximidade ou distanciamento que cada texto ficcional mantém com o mundo real em que se inspira” (PEREIRA, 2012, p. 1).

Dessa maneira, a literatura brasileira contemporânea se relaciona com o mal-estar contemporâneo dotado de problematizações sociais, como o desabrigo e marginalização dos sujeitos, numa cultura tomada por um individualismo que ofusca as fragilidades da sociedade. Desse modo, o contexto é de notável importância para a análise da ficção contemporânea, sobretudo se as obras analisadas forem dotadas de um intimismo que caminha com o teor

histórico, problematizando o ser em particular enquanto põe em xeque as tensões sociais de seu momento. Conforme Tânia Pellegrini⁶⁸:

O pós-modernismo como fenômeno brasileiro reflete muitos dos traços, conflitos e dilemas da situação política específica que o país atravessou nos últimos trinta anos: a ditadura, a abertura e a redemocratização, que geraram textos próprios, surgidos sobretudo do hiato representado pela suspensão das liberdades democráticas e pela censura” (PELLEGRINI, 2001, p. 59).

Desse modo, a contemporaneidade é um tempo afetado por percalços políticos que marcaram uma época tomada por um desconforto social. A falta de proteção no lar, uma vez que percebemos o desnudamento da polícia invadindo casas, as mortes de jovens e adolescentes que foram mortos enquanto os pais trabalhavam, a violência explícita são fatos que caracterizam a sociedade brasileira de uma época.⁶⁹

Nessa conjuntura, os textos contemporâneos surgiram numa tentativa de análise de determinadas épocas, expondo vozes que representam as muitas emudecidas pelas repressões ditatoriais. Na narrativa contemporânea *Rabo de foguete*, Ferreira Gullar revisita suas memórias para externar os percalços presenciados por ele, num contexto em que “residências eram invadidas, pessoas sequestradas e submetidas a torturas bestiais; os militantes presos eram com frequência assassinados e dados como tendo fugido da prisão. Os jornais, controlados pela censura, eram obrigados a noticiar a versão mentirosa” (GULLAR, 2010, p. 18). Na cena a seguir, um grupo de milicianos armados invadem a casa de Gullar à procura do escritor, que, naquele momento, estava escondido na casa da sogra. Às escondidas, Theresa Aragon liga para Gullar, que narra o acontecido:

Luciana atendeu à porta e eles entraram apontando as armas para ela. Queriam saber de você. Ela disse que você não estava em casa. Ouvi aquelas vozes estranhas na sala e fui até lá. Um deles avançou pra mim ameaçando-me com um revólver, indagou onde você estava. Respondi que não sabia, que você não

⁶⁸ Tânia Pellegrini (2001), assim como alguns pesquisadores, opta pelo termo pós-modernismo em vez de contemporâneo, embora a demarcação temporal do início, tanto de quem adota o primeiro termo quanto o segundo, converge para o mesmo período.

⁶⁹ Entendemos que a noção entre os termos tem suas problemáticas. No entanto, aproximamos ambos no sentido de estetização literária, conforme abordaremos em Linda Houston (1990).

aparecia há duas semanas. Fizeram mais algumas perguntas e me levaram para um carro que estava parado em frente ao edifício. Aí o tenente falou com alguém pelo rádio, enquanto davam uma volta no quarteirão comigo dentro. Depois me soltaram (GULLAR, 2010, p. 16).

Percebemos que, ao passo que Ferreira Gullar tenta fugir da repressão ditatorial, sua família sofre com a violência do período miliciano. Luciana, filha mais velha de Gullar, sofre uma agressão psicológica em sua própria casa, quando militares realizam uma invasão armada. Thereza Aragon, a primeira esposa do escritor maranhense, também é ameaçada com revólver e ainda foi obrigada a entrar em um carro numa espécie de sequestro: enquanto os tenentes circulavam pelo quarteirão da residência de Gullar, sua esposa foi obrigada a acompanhá-los, de modo a evidenciar que mal-estar social que a literatura contemporânea tematiza é fortemente reconhecido em *Rabo de foguete*.

Sob essa ótica, a obra analisada mostra um homem desabrigado, em um terreno hostil, sem proteção, tendo que fugir e fingir, em decorrência de um contexto tomado pela repressão social. Ferreira Gullar tem sua vida “roubada”, tomando para si uma identidade falsa, abstendo-se de marcas físicas próprias para que se tornasse outro. Assim, o narrador-personagem-autor Gullar faz uso de uma memória olfativa para evocar, na escrita, o medo causado pelo seu exílio, um medo que o paralisa e adocece toda a família, atestando o fato de que os dilemas sociais - próprios do contemporâneo e anunciados por Pellegrini - são reconhecidos no enredo das memórias exílicas de Gular.

A ideia de que a literatura brasileira contemporânea é refém de seu tempo de produção ganha mais força porque se dá na última década do século XX, momento em que as discussões a respeito das sequelas do regime ditatorial e possibilidade opinativa ganhavam força. Nessa conjuntura, as discussões de Pellegrini (2001) que marcam a delimitação do que é literatura brasileira contemporânea abarca o período de ditadura e processo de redemocratização, visto que ainda empreende os anos finais do período ditatorial. Nesse ínterim, em relação às temáticas, as produções contemporâneas possuem especificidades atreladas, segundo Pereira (2012, p. 3), ao que chama de *degradação*: “do ponto de vista temático, os anos 90 e os primórdios do século XXI parecem consolidar o predomínio da degradação em todos os

sentidos: violência física e moral, esgarçamento de laços familiares e afetivos, desarmonização do tecido social, caos urbano [...]”.

Assim, a *descontinuidade* da “normalidade” da literatura contemporânea se concentra no predomínio de temáticas que analisam e escancaram as violências sofridas pelo sujeito. Essa quebra pode ser representada nas obras de duas formas: relacionada a contextos de intimidade dos personagens – dramas familiares, dilemas existenciais, crises de identidades, questões filosóficas; ou a desdobramentos coletivos – contextos históricos conturbados, problemas urbanos e movimentos estatais indevidos ou corruptos. Desse modo, a obra *Rabo de foguete* insere-se no que Pereira denominou de *desarmonização do tecido social* ao retratar o contexto de ditadura militar de 1964, em que o narrador-personagem-autor posiciona-se sobre a quebra dos direitos civis por meio do regime autoritário que vivenciou:

Se é verdade que, no começo do regime, a direita radical impôs a prática da tortura, em seguida uma visão mais moderada passou a preponderar, entendendo que a sobrevivência do regime dependia sobretudo do êxito do plano econômico e esse deveria ser seu objetivo principal. Enquanto os setores mais maduros da esquerda afirmavam que o caminho para derrotar a ditadura era a luta pelas liberdades democráticas, aproveitando-se de todas as brechas que o regime fora obrigado a deixar, a ultra-esquerda embarcara no delírio da luta armada, deslocando a disputa para o terreno onde o adversário tinha mais força e tirocínio (GULLAR, 2010, p. 17).

São nítidas a violência e a supressão de direitos humanos presentes na obra, ao passo que discute a forma como as minorias lutavam pela democracia e liberdade. Sobre o *esgarçamento de laços familiares e afetivos*, a obra exílica traz várias menções que o narrador faz acerca de seus dilemas familiares. Como quando Ferreira Gullar, por saudade de seus filhos, decide arriscar encontros, ao passo que reconhece o desamparo causado pela fuga em decorrência da ditadura: “um primeiro encontro foi na casa de Julieta, numa noite em que Thereza levou os três para dormirem lá. Foi bom e ao mesmo tempo doloroso, porque me fez sentir o quanto aquela situação os deixava desamparados” (GULLAR, 2010, p. 22).

Rabo de foguete: A heterogeneidade por entre a Literatura Brasileira Contemporânea: o estilo, a abordagem, a representação do ser híbrido

Ao tempo que evoca esse pensamento de linearidade entre a ficção e o respectivo tempo de escrita, Tânia Pellegrini (2007, p. 59) assevera que essa possibilidade de problematizar o social por meio da escrita se deve à reformulação que sociedade brasileira passava, já que, ao passo que os regimes totalitários perdiam força, havia espaço para as novas formas de escrita e liberdade de temáticas, as quais são fortes nuances contemporâneas: “a conformação econômica e social seria campo fértil para o híbrido, o composto, o descontínuo, o provisório [...]. Nessa linha, a ficção brasileira das últimas duas décadas poderia então ser vista como um caleidoscópio de opções temáticas e soluções estilísticas”.

O combate às formas de repressão corroborou, nas ficções brasileiras das últimas décadas, uma heterogeneidade de elementos, estilos, abordagens, distanciando-se da ideia que totalizava os movimentos literários com temáticas “puras” e “fechadas”. Por isso a teórica ressalta a presença de um *descontínuo*: na literatura contemporânea não há uma abordagem à qual os escritores devem se filiar, adequar-se; igualmente, propõe o *provisório*: posto que não há uma linha a ser seguida e sim uma mistura de temáticas, narrativas e estilos.

Rabo de foguete muito se aproxima dessas nuances heterogêneas, haja vista que Ferreira Gullar, embora sua obra seja aclamada mais em seu sentido histórico/social, não se limita à questão política, mas há uma diversidade de reflexões que configuram a ficção brasileira contemporânea. A representação dos percalços políticos é apresentada ao leitor num entrelace com questões mais leves, como o trecho que o narrador nos apresenta sua última experiência familiar antes de sair do país:

O bom daqueles dias em Morro Azul foram os banhos de piscina, os pequenos passeios pelo mato. O prazer de colher frutas do pé e comê-las frescas. Luciana, Paulo e Marcos se divertiam e a sua alegria me fez esquecer momentaneamente que aquele era de fato um encontro de despedida (GULLAR, 2010, p. 37).

Há uma atmosfera de afeto, de paz e sossego que emana da cena literária. A vivência em Morro Azul, sítio de uma amiga de Gullar, é narrada de uma forma mais leve, ressaltando o banho, passeio, a colheita de frutos e toda a diversão ocasionada pelo encontro em família em

uma área natural, fora do Rio de Janeiro. Além desses excertos de afeto e alegria que dão pausa às discussões políticas, *Rabo de foguete* é disposto de uma aura terminantemente trivial, o que também é um fato que evidencia a escrita contemporânea: o misto de estilo e abordagem. Isso acontece quando Gullar, em meio a sua passagem em um esconderijo no Rio, divaga sobre sua paixão por uma feijoada bem feita: “as simples promessa da feijoada, ainda que sem os amigos, já me deu alma nova. Vivi o resto da semana em função dela. Cheguei até mesmo a sonhar com torresmo e farofa” (GULLAR, 2010, p. 28).

Além das discussões que ressaltam o híbrido no sentido estilístico, a literatura brasileira contemporânea também discute essa heterogeneidade enquanto representação do ser contemporâneo, na medida em que tematiza o homem como sujeito fragmentado. Essa ideia é dissertada por Pellegrini (2001) quando fala sobre a *morte do sujeito*, a qual foi ressaltada como “o fim do individualismo organicamente vinculado à concepção de um eu único e de uma identidade privada, específicas do modernismo, que engendrava uma visão própria do mundo, vazada num estilo ‘singular e inconfundível’” (PELLEGRINI, 2001, p. 56). Isso quer dizer que, diferente da literatura moderna, os escritos contemporâneos tendem a reconhecer que o homem possui menos uma identidade “pura”, singular, fechada e mais como sujeito com diversas inconstâncias em sua personalidade.

A ideia de que a literatura contemporânea faz sobre a mistura de abordagens e fragmentação da identidade diz muito sobre o ser da atualidade, pois este se baseia, nas contradições e dilemas de uma era pós-moderna. Linda Hutcheon (1991, p. 20) trata de contradição, pluralismo e fragmentação do homem contemporâneo⁷⁰, pelo lugar deste em realidades mutáveis, relativas e inconstantes. Sobre isso, a teórica nos diz que “numa cultura pluralista e fragmentada como a do mundo ocidental de hoje, tais designações não são de grande utilidade caso seu objetivo seja generalizar sobre todas as extravagâncias de nossa cultura”. Desse modo, Hutcheon (1991) assevera o caráter inconstante e heterogêneo da cultura contemporânea, ao passo que chama atenção para o uso desses adjetivos, de modo que não causem generalizações na referida cultura, cultura esta que não deve ser generalizada, definida com precisão ou enquadrada em termos.

⁷⁰ Em questão de estética e organização de linguagem, ressaltamos Linda Hutcheon (1991) com o *pós-moderno* no sentido de evocar a estética e temáticas usadas em *Rabo de foguete* como produção contemporânea.

Nessa linha de pensamento, *Rabo de foguete* empreende tal heterogeneidade que abarca tanto as questões de estilo quanto os quesitos de composição do ser contemporâneo representado nas obras. Enquanto Ferreira Gullar migrava para Moscou, o narrador reflete sobre a situação de exilado, atribuindo sua situação à mesma inconstância de fatos que um sonho abriga. O sentimento de Gullar é contraditório, pois ao mesmo tempo lamenta e comemora o fato de estar fora do Brasil:

Com um aperto no coração, lembrei-me de minha casa, de meus filhos, da Thereza e do meu gato siamês. Era um sentimento contraditório o que me assaltava naquele instante: sentia falta das pessoas e da minha vida, mas ao mesmo tempo a sensação era de alívio e liberdade. Um propósito perverso parecia que ter se instalado dentro de mim (GULLAR, 2010, p. 50).

Por meio da citação, é possível perceber um misto de sensações em Gullar. Ao tempo em que as reminiscências em sua casa com sua família afluam, o narrador mostra um paradoxo entre o alívio e o lamento, a saudade do país de origem, em confronto ou enlace à liberdade de estar fora dele, evocando uma fragmentação do escritor maranhense naquele contexto.

Ainda na visão da teórica canadense, as discussões da atualidade são baseadas na possibilidade de mudanças de temáticas, estilos, de inconstância das próprias definições pregadas. É por isso que as palavras-chave que Hutcheon (1991) usa para pensar a ficção de sua contemporaneidade são *contradição* e *paradoxo*, pois esse tempo “é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político” (HUTCHEON, 1991, p. 20). Portanto, a sociedade contemporânea é disposta de uma ilusão de concordâncias, dada a demanda exatamente do contrário, qual seja a heterogeneidade.

Ao escritor contemporâneo é atribuída a responsabilidade de enxergar seu tempo e espaço, de maneira que seus escritos sejam representativos, reconhecidos pelo leitor. Porém, à medida que o autor tenta representar um acontecimento do seu tempo, entende que sua visão sobre ele é limitada e questionável. Essa ideia está em consonância com a discussão levantada por Agamben (2007) e retomada por Schollhammer (2009) de que a realidade histórica não pode ser captada em sua totalidade no presente momento em que acontece por causa das inconstâncias, surpresas e terreno impreciso do contemporâneo.

Portanto, o mundo contemporâneo, tido como o contexto cultural globalizado, pede uma escrita que se paute na atualidade, com os novos modos de narrativas, fragmentação identitária, entre outros dilemas do homem de hoje. Ao passo que Ítalo Moriconi (2004) chama de termo literatura pós-modernista as formas de produção literária que se orientam a partir dos anos 1980 do século XX, é possível perceber que ele trata da heterogeneidade como as diversas possibilidades de descontinuidades e permanências nos aspectos estilísticos: “as relações são complexas, de continuidade e descontinuidade, permanência e deslocamento. O modernismo é uma totalidade histórica. O pós-modernismo, um conjunto aberto de traços heterogêneos” (MORICONI, 2004, p. 1).

Consoante a essa heterogeneidade, Linda Hutcheon (1991) disserta a respeito de um “importante debate contemporâneo” que trata das margens e limites da relação entre as convenções sociais e artísticas. A crítica vê essas formas de heterogeneidade como “o resultado de uma transgressão tipicamente pós-moderna⁷¹ em relação aos limites aceitos de antemão: os limites de determinadas artes, dos gêneros ou da arte em si” (HUTCHEON, 1991, p. 26). Essa heterogeneidade de gêneros literários pode ser reconhecida em *Rabo de foguete*, posto que, ao passo que o narrador expõe, em prosa, suas experiências exílicas, não se exime de mostrar a seu leitor o processo de escrita de outras obras, como seu grande *Poema sujo*, tampouco se isenta de apresentar trechos, ainda que em versos, porque nesta literatura a mistura de abordagens, estilos e gêneros é fator recorrente:

Enquanto tomava o café, refleti, o facho abaixou, busquei o caminho possível:
já sei... vou começar antes da linguagem... é... mas antes da linguagem, o que
há é o silêncio e vou começar antes da linguagem, o que há é o silêncio e não
se pode dizer o silêncio; quando há silêncio, não há linguagem... Sim, mas eu
tenho que começar antes da linguagem, antes de mim, antes de tudo... e então
escrevi:

Turvo, turvo
A turva
Mão do sopro
Contra o mundo
Escuro
Menos menos

⁷¹ Importante lembrar as recorrências em relação às terminologias entre “pós-moderno” e “contemporâneo”. Lembremos da advertência de José de Assunção Barros, em *História e Pós-modernidade*, de que no contemporâneo convivem o moderno, o pós-moderno e o tradicional. Isso quer dizer que nem todo contemporâneo pode ser considerado pós-moderno, mas que todo pós-moderno, nesta linha de pensamento, é contemporâneo.

Menos que escuro
Menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo
Escuro
Mais que escuro:
Claro
Como água, como pluma? Claro mais que claro claro: coisa alguma
(GULLAR, 2010, p. 237-238).

Nesse sentido, o narrador e personagem central goza de uma liberdade em sua narrativa, podendo narrar sobre o seu próprio processo de gênese escritural. Como vemos, Gullar mostra os caminhos que percorreu para a desenvoltura do poema, com um tom metalinguístico. Além desse fato, o autor também dispõe, em sua trama, os primeiros versos, não usando barras ou outros mecanismos para adequar o texto lírico ao narrativo, mas deixou fluir o gênero poema de acordo com as nuances deste, o que mostra essa liberdade de estilos e gêneros da literatura brasileira contemporânea.

Helena Bonito Pereira (2012) diz que, em contrapartida à radicalização formal da homogeneidade de gênero, a atualidade evidenciou uma combinação de gêneros dispostos na trama romanesca, assim como a possibilidade de uma escrita mais solta, libertando-se das formas lexicais tradicionalistas:

Nos decênios finais do século passado sobressaiu, dentre outras tendências, uma radicalização formal, fenômeno que se acentuou, depois refluíu (na virada do século), e ainda se manifesta com alguma frequência. Trata-se de narrativas experimentais com marcas de transgressão, que contêm distorções intencionais, de ordem morfossintática, lexical, ortográfica. Em termos de materialidade do livro, até a camada visual associada ao texto pode conter inovações. Desenhos, gráficos, cartazes de cinema, bilhetes de meios de transporte, cardápios de restaurantes podem ser inseridos em meio à narrativa (PEREIRA, 2012, p. 2).

Isso quer dizer que há uma ruptura em relação aos limites entre gêneros que existira. Na literatura contemporânea, esses limites entre gêneros e até entre suportes são desfeitos, de modo que um romance possa comportar elementos da reportagem ou poema numa relação híbrida, sem que perca o sentido. Dessa maneira, a base da ficção desse contexto é a apropriação de

nuances cada vez mais híbridas, indefinidas e relativas, as quais contribuem para a fragmentação da identidade do sujeito contemporâneo.

O novo realismo na Literatura Brasileira Contemporânea: diálogo com *Rabo de foguete*

Uma das demandas da sociedade contemporânea se faz na necessidade cada vez maior de apreensão de suportes relacionados ao *real*, numa tentativa de representatividade. É nesse sentido que a escrita contemporânea busca um novo tipo de *realismo*, o qual alarga ainda mais os dilemas íntimos e sociais de um tempo. Aos autores contemporâneos brasileiros, na visão de Schollhammer (2009), é dada a incumbência dessa retratação da sociedade, inclusive dando voz para o cenário periférico/marginal. Para o teórico, tal retratação da sociedade não possui a ingenuidade da representação feita pelo Realismo de outrora, já que “a diferença que mais salta aos olhos é que os ‘novos realistas’ querem provocar efeitos de realidade por outros meios” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 53-54).

Outrossim, Pellegrini (2007) nos fala a respeito desse realismo que a contemporaneidade busca. Tendo a mesma raiz do Realismo pregado no século XIX, relaciona-se à capacidade que a ficção tem de possibilitar uma referência de análise sobre sua atualidade. No entanto, é-nos dito que esse realismo não possui a ingenuidade de outrora, nem o tom ácido e escancarado dos problemas sociais pautado muitas vezes por forma de sátira e ridicularização do homem, mas um modo de análise que gira em torno dos dilemas da contemporaneidade.

Assim, o novo Realismo não se encerra na discussão pautada no positivismo, de forma que haja um realismo - com certo tom de permanência - mas agora com um novo viés. Diferentemente da corrente de outrora, “o realismo contemporâneo não é de dimensão apenas referencial, descritiva, fotográfica; trata-se de imitação em profundidade, cuja dimensão conotativa está inextricavelmente ligada à história e à sociedade” (PELLEGRINI, 2007, p. 145). É necessariamente essa a ideia de Pellegrini que assevera esse *pacto realista*, o qual continua vivo e que essa possibilidade é ainda mais alarmante em dias atuais, principalmente quando se fala em literatura brasileira contemporânea, defendida como a expressão de “rupturas e transformações efetivadas a partir do modernismo” (PELLEGRINI, 2007, p. 138).

A partir dessa nova dimensão que o termo propõe, o teor realista na ficção é visto não mais como a simples representação de uma sociedade, mas entende-se que, enquanto a arte se apropria dos dilemas contemporâneos, a realidade nela disposta é analisada por intermédio de seus mecanismos estéticos e filosóficos. Segundo Schollhammer (2009), trata-se de um realismo mais subjetivo que representativo:

Diríamos, inicialmente, que o novo realismo se expressa pela vontade de relacionar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual emerge, incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora. Estamos falando de um tipo de realismo que conjuga as ambições de ser “referencial”, sem necessariamente ser representativo, e ser, simultaneamente, ‘engajado’, sem necessariamente subscrever nenhum programa político ou pretender transmitir de forma coercitiva conteúdos ideológicos prévios (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 54).

Assim, o leitor contemporâneo pede uma escrita nesse estilo de realismo, com a devida dimensão que seus dias absorvem, uma escrita que caiba a cultura, o social, assim como as problematizações de seu tempo, tornado a literatura contemporânea ainda mais movente e catártica. Além desse efeito engajado, o que a literatura contemporânea busca é propor uma representatividade, uma forma de reconhecimento ao leitor. E este, por sua vez, busca uma referencialidade por meio da obra que lê.

Nessa troca de referência entre leitor e obra da literatura contemporânea, *Rabo de foguete* pode ser atrelado. Isso porque a obra representa um ser pertencente ao contexto histórico da ditadura militar, assim como há uma representação das vivências mais íntimas do autor-narrador-personagem. Por outro lado, o leitor apreende a obra porque entende essa referencialidade trazida pelo novo realismo, posto que se vê pertencente ao retratado na trama, assim como a percebe como referência para pensar a si próprio e a sociedade à qual pertence. Outra distinção ou aprofundamento de significado que o *realismo contemporâneo* traz é uma realidade em consonância com a ascensão da estética do texto, cujo contexto se mistura com as inovações estilístico-literárias de que a contemporaneidade dispõe.

Assim, o realismo contemporâneo é entendido como o tratamento de uma realidade cotidiana de uma forma mais profunda, a qual se baseia nos dilemas mais *filosóficos*, íntimos

e sociais do indivíduo. Isso quer dizer que essas novas abordagens realistas não se realizam na simples representação dos “defeitos” da sociedade, como nos mostrara o Realismo do século XIX, mas trata da realidade com uma abordagem mais cuidadosa, intimista aos personagens, significativos ao contexto e capazes de levantar questões do homem contemporâneo, sendo um realismo movente e não dogmático.

Rabo de foguete, como obra brasileira contemporânea, sustenta esse realismo da contemporaneidade, haja vista que há uma referencialidade da realidade de um período histórico brasileiro, todavia, sem o teor satírico das representações dos contextos quando do realismo positivista. Na narrativa exílica, enquanto Ferreira Gullar avança os estudos de sustentação ideológica do Instituto Marxista-Leninista, na Rússia, analisa a realidade da fragilidade das políticas de militância no Brasil:

Em Moscou, passei a conhecer melhor o PCB, já que só então trabalhei e convivi com os quadros profissionais do partido, com seu aparato clandestino e percebi que a muitos de nós faltava a mística do revolucionário, a convicção inabalável que determina o cumprimento rigoroso das decisões e o sacrifício sem limites. Não é que o partido não tenha tido mártires e que, entre seus membros, não houvesse homens corajosos, idealistas, capazes de morrer por suas ideias. Durante aquele período mesmo em que me encontrava na URSS muitos companheiros foram presos, torturados e assassinados pela ditadura no Brasil. Era, talvez, a disciplina interna que, como reação aos excessos da fase stalinista anterior, relaxara demais, ou quem sabe, uma consequência da nossa maneira brasileira de encarar a vida e os valores, com espírito crítico e algum ceticismo (GULLAR, 2010, p. 71).

Nesse trecho, é possível perceber que Ferreira Gullar analisa a sociedade brasileira do contexto da ditadura, disposto da dicotomia de ideais entre conservadores e libertários. Ao passo que convive com os militantes da antiga União Soviética, vê que as políticas deste partido possuem base sólida, uma base sustentada por ideais adquiridos pelo conhecimento, estratégia e experiência. Diante disso, o narrador percebe a militância quebradiça brasileira da época, de maneira que o autor referencie o brasileiro via crítica e consciência.

Desse modo, *Rabo de foguete* se torna mais que um aparato com experiências de Gullar, mas também uma escrita referencial em relação aos brasileiros daquele entrecho

histórico. Além disso, é um texto realista dotado de uma referencialidade demandada pelo contemporâneo, que analisa uma realidade brasileira de forma sólida, pondo em xeque as percebidas contradições do Partido Comunista Brasileiro, assim como as problemáticas da personalidade do próprio brasileiro, que, embora militem e lutem pela democracia, possuem uma abordagem mais frágil que nas outras realidades observadas por Ferreira Gullar.

Ademais, a ideia desse realismo contemporâneo está presente em *Rabo de foguete* na medida em que a obra tematiza as experiências exílicas íntimas do autor e os desdobramentos históricos brasileiros de forma direta, pautada numa linguagem escurrita e simples, que acaba por tornar os fatos mais próximos da realidade que anuncia. Dessa forma, questões filosófico-existenciais podem envolver histórias banais do dia a dia ou situações complexas que se realizam à luz de novas apropriações estéticas.

Nisso se dá o projeto de um novo realismo, que é comprovado por Schollhammer (2009) quando nos fala da ascensão das biografias históricas e reportagens jornalísticas. Como tal, Pelegrini (2001) associa a literatura brasileira contemporânea a uma busca pelo que chama de referencialidade como uma necessidade de o indivíduo tem de se apropriar de um discurso. Essa necessidade faz com que a arte da escrita seja um aporte para essa referência que a atualidade prega. A escrita íntima é condizente com esse fato.

Tal referencialidade mostra que o indivíduo contemporâneo sofre em sua composição identitária, pois está numa busca incessante por ela por meio de outrem. Essa necessidade de referência também se associa à ideia de que o ser está imbricado numa condição de reconhecimento, o qual dialoga com outro fato que evoca um novo realismo na literatura contemporânea: a ascensão das discussões em torno do memorialismo e intimismo. A busca pela vida do outro tanto por uma necessidade de identificação quanto pela simples espetacularização nos mostra que a contemporaneidade necessita de uma apropriação de elementos do outro, dotado de suas experiências que dão mote para a escrita contemporânea, uma escrita que “não se apoia na verossimilhança da descrição representativa, mas no efeito estético da leitura, que visa a envolver o leitor afetivamente na realidade da narrativa” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 59). Sobre isso, o crítico defende

Um “estar no mundo” que desafia a confusão entre moderno, no sentido temporal e reivindicativo, e presente, no sentido de criar presença pela

literatura. Talvez seja uma maneira abstrata demais de dizer que a ficção contemporânea não pode ser entendida de modo satisfatório na clave da volta ao engajamento realista com os problemas sociais, nem na clave do retomo da intimidade do autobiográfico, pois, nos melhores casos, os dois caminhos convivem e se entrelaçam de modo paradoxal e fértil (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 16).

Essa demanda de exposição nos faz pensar que a contemporaneidade não absorve apenas o social, mas tende a valorizar a questão memorialista individual. Nesse ínterim, diante dessas formas de exposição, demanda de realismo e apropriação da vida de outrem, percebemos que os discursos de intimidade estão em constante diálogo com a contemporaneidade. Partindo de uma abordagem que se alia aos movimentos de reconhecimentos sociais, Silviano Santiago (2002) ressalta a ascensão das narrativas memorialísticas e íntimas na atualidade:

Se existe um ponto de acordo entre a maioria de nossos prosadores de hoje, este é a tendência ao memorialismo (história de um clã) ou à autobiografia, tendo ambos como fim à conscientização política do leitor. É claro que essa tendência não é nova dentro das letras brasileiras. Queremos dizer é que ela nunca foi tão explícita na dicção da prosa, deixando ainda mais abaladas as fronteiras estabelecidas pela crítica tradicional entre a memória afetiva e o fingimento, entre as rubricas memórias e romance (SANTIAGO, 2002, p. 35).

Essa tendência ao intimismo e memorialismo se relaciona, como nos mostra Santiago, ao intento coletivo, visando à possibilidade de percepção social por parte do leitor. Embora o teórico reconheça que esse estilo de narrativa não é terminantemente novo, traz a ideia de que há uma ascensão em nossos dias, problematizando, inclusive, uma questão que também é atrelada à contemporaneidade: a busca por uma crítica nova que não dissocia o fato da ficção, o relato *verídico* da possibilidade de romantização, mas que tematiza essa mistura disposta nas obras. Em relação à literatura brasileira contemporânea, essa dualidade entre a escritura da obra e recepção do leitor se relaciona com a escrita intimista, posto que é uma necessidade apresentada nas duas vertentes: primeiro porque o autor considera a sua vida relevante e a põe em xeque nessa tentativa de exteriorização, segundo porque o leitor reconhece essa escrita e a empreende como forma de entender seu contexto e a si próprio. Como nos diz Pereira (2012):

Em paralelo, ou mesmo em contraste com as expressões da violência urbana e da desagregação do tecido social, multiplicaram-se narrativas intimistas, com intensa carga de angústia concentrada no indivíduo, preso a questões insolúveis de foro íntimo. Questões identitárias, atreladas ou não a minorias sociais, sexuais ou étnicas conquistam maior visibilidade no período, temáticas que se aprofundam e persistem década a década. (PEREIRA, 2012, p. 4).

Além do comportamento contemporâneo em relação aos discursos memorialísticos e autobiográficos ressaltarem a questão da crítica tradicional *versus* as novas abordagens que tratam de afeição às liberdades de abordagens, esse recebimento carente de intimismo também problematiza as análises do texto literário, que, embora a contemporaneidade vise a um modo de análise mais liberto, muitas reflexões ainda se pautam somente no texto, sem a devida atenção ao contexto de escrita no sentido de recorrência com a vida do escritor, sobretudo quando o texto é assumidamente autobiográfico:

Deslocada a espinha dorsal da prosa (de ficção, ou talvez não) do fingimento para a memória afetiva do escritor, ou até mesmo para a experiência pessoal, caímos numa espécie de neo-romantismo, que é a tônica da época. Pedese pensar hoje, e com justa razão, que o crítico falseia a intenção da obra a ser analisada se não levar em conta também o seu caráter de depoimento, se não observar a garantia da experiência do corpo-vivo que está por detrás da escrita (SANTIAGO, 2002, p. 36).

Assim, essas discussões contemporâneas que pedem um reconhecimento de análise em relação à vida do autor, assim como essa ascensão de intimismo é nuance fortemente marcada em *Rabo de foguete*, já que dispõe de uma leitura decididamente autobiográfica que não se limita à autocontemplação do escritor e de suas vaidades, como ressalta a crítica conservadora, mas tematiza um conjunto de contribuições de ordem existencial, coletiva e política, possibilitando um novo tipo de engajamento, mediado pela demanda de um novo realismo na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises empreendidas em torno de *Rabo de foguete* (1998), em enlace com as discussões teóricas a respeito da Literatura Brasileira Contemporânea, ratificamos o contemporâneo como um tempo *aberto*, de difícil conceituação, porque comporta as demandas de uma sociedade dotada de mutabilidade, inconstância e de sujeitos fragmentados. Assim, como representação dessa sociedade movente, a ficção também apresenta seus respectivos elementos literários com tais demandas, evocando, dessa forma, *Rabo de foguete*, de Ferreira Gullar como uma ficção disposta de tais descontinuidades e permanências.

Constatamos que o livro de memórias de exílio de Gullar, a partir de sua temática que se ancora no período de Ditadura Militar brasileira e da apresentação de um entrecho disposto de tensões tanto individuais como coletivas, pode ser atribuído como uma obra com a nuance da *desarmonização do tecido social*. Assim, essa é uma característica da ficção brasileira contemporânea que estimula o debate sobre as formas de violências experienciadas é perceptível em *Rabo de foguete*, com a disposição das perseguições, torturas, angústias, saudades vividas pelo autor-narrador- personagem quando de seu exílio.

Asseveramos que a literatura brasileira contemporânea empreende a *heterogeneidade* em muitos sentidos. Primeiro, ela representa o ser quebradiço e frágil da contemporaneidade e, com isso, tem seus personagens em torno de suas inconstâncias e isso é visto em *Rabo de foguete* na medida em que Ferreira Gullar se mostra como um narrador paradoxo, com ideias que beiram o contraditório. Em segunda instância, tal heterogeneidade se aplica às temáticas e formas de linguagem da narrativa, porque esta enlaça cenas traumáticas e violentas com momentos triviais da cotidianidade, e, por fim, no sentido estilístico, porque, embora a obra seja em prosa, o texto não se exime em apresentar formas em versos, de maneira que as temáticas, abordagens e estilos sejam entrelaçados.

Ademais, percebemos a nuance do *novo realismo* da literatura contemporânea por entre o entrecho da narrativa exílica de Gullar, tendo em vista que apresenta um contexto de análise social com dimensão crítica, política e filosófica, como quando analisa a própria constituição do povo brasileiro, assim como quando se observa a ascensão do intimismo que relaciona temas individuais e coletivos na obra. Tais nuances aproximam a obra de uma demanda da contemporaneidade que pulsa nas páginas: a necessidade de referenciação, disposta em um tempo cultural e historicamente importante para a sociedade brasileira.

Mediante ao exposto, constatamos que *Rabo de foguete*, do maranhense Ferreira Gullar é uma ficção brasileira que atesta o ser da contemporaneidade, ao passo que evidencia como a literatura brasileira contemporânea pode ser pensada em torno de suas nuances, contribuindo para uma importante análise sobre as discontinuidades e as permanências quando se fala em abordagens, temáticas e estilos literários.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARRIGUCCI JR, Davi. **Tudo é exílio**. Jornal de Resenhas nº 44, Novembro de 1998. Acesso em 16 de outubro de 2020, às 15h10. Disponível em: <http://www.jornalderesenas.com.br/resenha/tudo-e-exilio/>

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª edição, Editora Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro: 2006.

GULLAR, Ferreira. **Rabo de foguete: os anos de exílio**. Rio de Janeiro: Revan, 2008, 3ª edição, abril de 2003, 1ª reimpressão, outubro de 2010.

HUTHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, - Imago E, 1991.

LEJEUNE, Phelippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MORICONI, Italo. A problemática do pós-modernismo na literatura brasileira. **Revista Filologia**, ABF, VOLUME 3, Número 01/02. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1/02.htm>. Acesso em: 21 de julho de 2021.

PELLEGRINI, Tânia. Ficção Brasileira Contemporânea: Assimilação ou resistência? **Revista Novos Rumos**. Ano 16, nº 35, 2001.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo, postura e método. **Revista Letras de hoje**, volume 2, nº 4. Porto Alegre: 2007.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra: ensaios**. Rio de Janeiro, Rocco, 2002.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, José Mário. **Rabo de foguete**: os anos do exílio. Autores e Livros, 2011. Disponível em: <https://autoreselivros.wordpress.com/2011/02/22/rabo-de-foguete-os-anos-de-exilio-de-ferreira-gullar/>. Acesso em: 22 de dezembro de 2020.